

Eu migrante

Migrant self

Rian Gonçalves

Das minhas tantas andanças pelo mundo, acabei por me distanciar de mim mesmo.

Deixei meu Nordeste, guiado pelo anseio de sonhar.

Talvez, para aqueles que aqui estão, meu sonho não parecesse grandioso.

Eu desejava apenas me alimentar e encontrar o trabalho que me desse um sol, um lugar.

Esse, na verdade, não sou eu por completo, mas há muitos deles em mim. Também me transformei e, quiçá, tenha me afastado, afastado de mim. O “eu” que eles conhecem é diferente do “eu” que reside aqui, que estuda e trabalha em “coisas” que não são daquele lugar.

Ainda aqui, percebo que buscamos, eles e eu, o mesmo ideal: terra, teto e um lar.

Há quem afirme que aqui tudo é lar, mas quem se desloca sabe onde repousamos nosso último abraço, nossas vidas, a casa, as ruas e, entre idas e vindas, nas páginas lidas e não lidas, nosso coração migrante permanece lá.

Hoje, chove intensamente onde antes mal se via a chuva, e é escassa onde jamais imaginei ver o céu verter suas lágrimas.

Dizem que máquinas desviaram o riacho onde costumávamos nos banhar e limpar as panelas.

É de uma tristeza imensa saber que os céus clamaram por aqui.

E, nessas andanças, já percebi que o clima tampouco é como costumava ser.

Após tantas décadas, o que parecia seguro, hoje revela-se tão incerto.

Sayad diria que a dupla ausência que aqui persiste não é apenas minha e dos meus outros “eus”, mas também é a ausência de alimento, de lar, de um futuro e, quiçá, de um presente verdadeiro que nos permita sonhar e, melhor ainda, acreditar.

